

O INTELLECTUAL FICCIONALIZADO EM "*MADRE, NO ENTIENDO A LOS
SALMONES*"

*THE FICTIONALIZED INTELLECTUAL IN "MADRE, NO ENTIENDO A LOS
SALMONES"*

Daniel Carlos Santos da Silva¹

RESUMO: Este artigo busca identificar a presença do intelectual no conto "Madre, no entiendo a los salmones" (1990), de Montserrat Roig, visando à análise da representação histórica presente no texto. Entendemos que a partir do discurso literário da referida autora é possível discutirmos questões referentes ao discurso oficial da Espanha, relacionado especificamente ao período do pós-guerra civil.

Palavras-chave: Montserrat Roig; intelectual; pós-guerra civil.

ABSTRACT: This article aims to identify the presence of the intellectual in the tale "Madre, no entiendo a los salmones" (1990), by Montserrat Roig, debating the historical representation present in the text. We understand that it is possible to discuss questions referring to the official speech of Spain beginning with the literary speech of Roig, connected specifically to the civil postwar period.

Keywords: Montserrat Roig; intellectual; civil postwar.

O conto "*Madre, no entiendo a los salmones*" foi escrito por Montserrat Roig e constitui a obra *El canto de la juventud*, publicada em 1990. Ele está integralmente presente no romance *La hora violeta* (1980) e articula-se com a história da personagem Norma, protagonista de ambas as tramas. Neste estudo, pretendemos analisar a presença do intelectual na Espanha, considerando que a personagem principal representa uma escritora que recolhe informações de um republicano que

¹ Mestrando em Letras, USP.

esteve em um campo de concentração nazista, no contexto do pós-guerra civil espanhola. Com isso, visamos à discussão sobre a homogeneização da sociedade espanhola, imposta pelo regime ditatorial de Franco, e a relativização do discurso da história oficial do país, que será contraposto ao discurso literário.

"*Madre, no entiendo a los salmones*" inicia-se por meio do diálogo entre Norma e seu filho, demonstrando a existência de um cotidiano que, em seguida, contrapõe-se a outro momento da história da protagonista, em que ela escuta o testemunho de uma vítima dos campos de concentração. Vale destacar ainda que é possível tomar conhecimento de uma história amorosa de Norma, apresentada através de sua memória:

Hemos venido aquí con la misma bandera con la que cruzamos la frontera en 1939, y no creo que a nadie nos lo podrá rebatir, rebatir, rebatir...
A Norma se le escaparon las últimas palabras. El viento parecía absorberlas. Y el frío le horadaba el cuerpo, como si le estuvieran desgarrando la piel. Te llamaré, desde tan lejos, solo para decirte que te quiero. Rebatir, rebatir, te quiero, te quiero (ROIG, 1990, p. 90).

A partir deste excerto podemos considerar um dos principais aspectos do texto, que se relaciona a uma estrutura fragmentária na escrita de Roig. Em um primeiro momento, podemos pensar no contexto histórico presente no conto, visto que o narrador mostra a perspectiva de uma vítima da guerra civil que narra sua história nos campos de concentração e nos situa historicamente ao longo do texto. Assim, ocorrem alusões históricas a partir de uma perspectiva particular propiciada pela experiência de um republicano que, em 1939 (ano final da guerra, em que os militares venceram os republicanos), "cruzou a fronteira" de seu próprio país tornando-se vítima da guerra e sendo rejeitado por sua pátria. Temos, no conto, a experiência de alguém que, contrário à ideologia dominante do regime ditatorial, viu-se forçado a abandonar seu país em busca de sobrevivência. Contudo, sua memória, constituída por seu relato, mantém-se viva ao longo dos anos. No momento presente de "*Madre, no*

entiendo a los salmones" o republicano acredita que seu regresso à Espanha já não será um motivo de censura e que seu testemunho remete à permanência das muitas vozes que foram caladas pelo regime ditatorial, indicando-nos, com isso, o engajamento de Montserrat Roig por meio de sua escrita. Isso se dá pelo fato de a autora reproduzir literariamente visões distintas às impostas pelo poder, que deixam assinalado o contexto histórico existente no texto literário, mas que também indicam a representação de uma realidade espanhola caracterizada pela guerra civil e pela consequente ditadura ocorrida no país.

Se no excerto indicado a perspectiva da personagem de guerra nos indica um contexto maior, teremos, em contrapartida, outro discurso que se constitui pela visão de Norma, configurando uma experiência particular de tal personagem. Para ela, "lhe escaparam as últimas palavras" daquele que estava dando seu testemunho e a partir deste momento há uma ruptura na narrativa, que constitui o estilo fragmentário de Montserrat Roig. Em um parágrafo temos a experiência de uma personagem que remonta a um contexto histórico. Em seguida, há a presença de uma experiência particular da protagonista. A própria palavra que compõe o discurso do republicano é a que complementa o sentimento de Norma: "rebater". Contudo, mesmo rebatendo seu desejo em sua própria consciência, o que vigora em sua mente é seu anseio, indicado pela expressão "te quiero". Portanto, o narrador nos apresenta os pensamentos da protagonista que se revezam com a fala de sua testemunha do pós-guerra. Com isso, a partir do conto, refletimos sobre uma perspectiva distinta da do discurso histórico oficial da Espanha em relação às consequências da guerra civil. Isso ocorre pois no texto de Roig está ficcionalizado o trabalho de testemunho realizado por Norma. Compreendemos, dessa forma, que a narrativa de Montserrat Roig caracteriza-se a partir de um contexto histórico determinado, ao problematizar a guerra civil por meio das diferentes perspectivas das personagens presentes no texto literário.

Em um primeiro momento do conto tomamos conhecimento do diálogo corriqueiro entre mãe e filho que nos redimensionam a outro período de vida da protagonista. Logo, outro plano na narrativa nos é apresentado no momento em que Norma escuta o republicano. A memória da protagonista, por sua vez, não remete necessariamente a um contexto maior ao qual ela se insere; no entanto, é o fluir de seus pensamentos que marcam a presença de uma vítima da guerra civil e, conseqüentemente, o contexto histórico espanhol da metade do século XX. De tal maneira, ressaltamos neste momento que três planos narrativos estão presentes no conto e, somados, indicam a existência de uma conjuntura histórica. Ou seja, o testemunho do republicano que sinaliza as conseqüências da guerra civil ocorre a partir da ruptura do discurso literário de Roig que, primeiramente, narra a conversa entre mãe e filho. Sequencialmente, o testemunho da vítima de guerra é o propulsor de uma experiência particular da protagonista. Porém, vale ressaltar ainda que o diálogo entre mãe e filho e o recordar de um caso amoroso de Norma se somam ao discurso de uma “realidade objetiva”, amplificando o significado desta, com base nas diferentes perspectivas e na simbologia dos diálogos das personagens presentes no conto.

Nesse sentido, consideramos que "*Madre, no entiendo a los salmones*" tem como protagonista uma intelectual que contracenava com uma personagem marginalizada pelo discurso histórico oficial: uma vítima do pós-guerra. Entendemos que o intelectual está marcado pela repressão ocasionada pelo regime ditatorial de Francisco Franco que, pela tentativa de homogeneização da identidade espanhola, coloca-se contra os discursos não condizentes aos propagados pelo poder. Roig publica suas obras em um contexto pós-ditadura, no entanto, retrata personagens que vivenciaram o período ditatorial na Espanha, o que nos permite também considerar o engajamento político da autora que, além de escrever em catalão — sua língua materna, que foi proibida durante o regime — apresenta-nos justamente personagens

que denunciam, através de seus cotidianos, as consequências da guerra civil. Junto a isso, consideramos que

O tratamento sério da realidade quotidiana, a ascensão de camadas humanas mais largas e socialmente inferiores à posição de objetos de representação problemático-existencial, por um lado — e, pelo outro, o engarçamento de personagens e acontecimentos quotidianos quaisquer no decurso geral da história contemporânea, do pano de fundo historicamente agitado — estes são, segundo nos parece, os fundamentos do realismo moderno (AUERBACH, 1994, p. 440).

Ao fazermos a análise da narrativa de Roig, consideramos a existência do cotidiano de suas personagens atrelado a um contexto social específico e a representação de uma realidade literária pautada no contexto histórico espanhol. Para que seja possível compreender a presença do intelectual na Espanha, com base na conjuntura histórica do pós-guerra e as consequentes implicações desse aspecto no processo de escrita literária, fazemos referência a duas colocações que se relacionam no exercício intelectual. A primeira afirma que o trabalho desenvolvido “[...] en las dictaduras de larga duración y que desarrollan una cosmética institucional, es *desde dentro mismo* del aparato administrativo o político del Estado desde donde se generan tanto la crítica del sistema como los intentos de reforma” (PINILLA DE LAS HERAS, 1989, p. 104). Outra observação importante se refere diretamente a “[...] la figura activa del *intelectual* [que] exige un fondo densamente urbano que permita a unos literatos, profesores o artistas, convertirse en ‘actores de la vida cívica’” (BONET, 1994, p. 11).

Com essas ponderações retomamos duas questões essenciais que emergem do conto. Uma se relaciona ao caráter de permanência de Norma em território espanhol para o desenvolvimento de seu trabalho. Isso indica que, diferentemente de muitos casos que ocorreram durante o período ditatorial, o testemunho protagonizado pela personagem remete a ela mesma como alguém que permaneceu na Espanha,

diversamente ao processo de exílio que ocorreu massivamente no país ao longo do estabelecimento de Franco no poder. Contudo, ainda que Norma permaneça em seu país podemos considerá-la em um processo de exílio interno, ao empenhar-se em desvelar um discurso distinto ao do poder oficial, desde dentro do território espanhol. Ainda que sua consciência se contraponha ao relato do republicano, temos como movimento propulsor da narrativa o processo de engajamento representado pelo trabalho de pesquisa realizado pela protagonista. É a partir deste movimento que ocorre o desenrolar das perspectivas existentes no conto em relação à personagem Norma, quais sejam: a memória de quem lhe dá testemunho; sua própria consciência que flui de um sentimento amoroso; o diálogo com seu filho que, metaforicamente, representa o movimento memorialístico recorrente no conto e no próprio processo de escrita de Montserrat Roig.

Como personagem intelectual, Norma representa uma identidade distinta àquela imposta pelo poder oficial a partir do momento em que denuncia as consequências da guerra, através do testemunho que o republicano lhe concede. Suas ações remetem, assim, ao processo de exílio que aponta para a realidade de uma vítima de guerra silenciada pelo regime ditatorial. “Os nacionalismos dizem respeito a grupos, mas, num sentido muito agudo, o exílio é uma solidão vivida fora do grupo: a privação sentida por não estar com os outros na habitação comunal” (SAID, 2003, p. 50). Ou seja, o fato de Norma remontar um discurso construído pelo testemunho de uma vítima do pós-guerra faz com que ela represente um exilado dentro do seu próprio território: o intelectual que se contrapõe ao porta-voz do discurso ditatorial e, opostamente a este, propaga a voz de alguém que foi coibido pelo regime.

Atendo-nos à ponderação sobre a “figura do intelectual”, temos ainda que Norma representa literariamente um ator da vida cívica, por dar voz a quem foi silenciado pela guerra: “[...] ves, esta bandera es la nuestra. Por la bandera republicana ha muerto mucha gente. ¿Quién lo recuerda ahora? ¿Quién se acuerda, Norma?” (ROIG,

1990, p. 89). Nesta passagem, é possível compreender o movimento de repressão ocasionado pelo regime ditatorial na Espanha ao nos atentarmos para o fato de que os republicanos foram os “perdedores” da guerra civil espanhola e, por sua vez, vitimados pela ditadura. De certa forma, as perguntas feitas pelo republicano na passagem que expusemos acima — Quem recorda isso? Quem se lembra? — indicam um tom de protesto por representar justamente a realidade de uma Espanha que manteve suas vítimas de guerra em silêncio, fazendo, assim, com que seus discursos fossem evacuados pelo discurso histórico oficial e que houvesse um “esquecimento” daquele que foi coagido. Isso remete justamente ao trabalho intelectual de Norma, já que esta escritora fictícia, ao buscar o testemunho de um republicano, traz à tona uma personagem que conta sua realidade no campo de concentração e reconta a História a partir de um discurso não oficial.

É essencial refletir, ainda, que o intelectual ficcionalizado em "*Madre, no entiendo a los salmones*" está construído a partir do posicionamento de um escritor que, de acordo às considerações de Erich Auerbach,

[...] abandonou-se muito mais do que acontecia antes, nas obras realistas, ao acaso da contingência do real, isto não mais acontece de forma racional e nem com vistas a levar planejadamente a um fim um contexto de acontecimentos exteriores. [Eles] perderam por completo o seu domínio; servem para deslanchar e interpretar os interiores [...] (AUERBACH, 1994, p. 485).

Isso requer que analisemos o acúmulo de perspectivas apresentados no texto de Montserrat Roig, já que é a partir da consciência de suas personagens que teremos a representação de uma determinada realidade. Deste modo, ressaltamos o tratamento de três tempos ficcionalizados no conto, da seguinte forma: a escuta de Norma contraposta à sua lembrança particular de um caso amoroso; fragmentada pelo diálogo que ela estabelece com seu filho. São estes três tempos que nos cabem analisar

a partir de agora para que seja possível apreender possíveis sentidos do conto. Com isso, transcrevemos outro momento em que Norma escuta o republicano:

El republicano proseguía, y los SS hacían unos hoyos en tierra, de unos siete metros de profundidad, para ahogar en ellos a los judíos. Pero a mí solo me preocupaba la caja de mierda que me hacían acarrear. No puedes imaginarte cómo pesaba, cuando tenía que subir la maldita escalera. Yo ya no recordaba nada, ni la guerra, ni por qué razón estaba allí.

Norma sentía cada vez más frío. Pensó cuánto lo quería. Y el urgente deseo de las últimas noches de amor. No había manera de encontrar la calma, lo repetían, una y otra vez, sin llegar nunca a saciarse (ROIG, 1990, p. 89).

Este excerto nos mostra uma fragmentação marcada por dois momentos da vida da protagonista: o exterior, no qual ela escuta o relato do republicano e o interior, em que nos são apresentados seus sentimentos. A personagem que dá seu testemunho mostra uma perspectiva de quem foi vitimado em um campo de concentração. Lemos a experiência de alguém que, a partir das práticas de trabalho forçado existentes no campo, remonta os efeitos de tortura moral ocasionados pelo pós-guerra. Ademais, temos uma referência direta à tortura imposta aos judeus, aludindo a outro grupo minoritário que foi vítima da política nazista.

Em seguida, reconhecemos a consciência da personagem principal, que no primeiro período do segundo parágrafo “sentia cada vez mais frio”. Essa mesma sensação tem origem a partir do espaço que lhe é exterior, ressignificando simbolicamente aquilo que será exposto a seguir: o sentimento de saudade ocasionado a partir do relato de uma vítima de guerra. Ou seja, a sensação de frio se origina pelo conhecimento das práticas que eram realizadas no campo de concentração. Reconhecer as práticas de tortura realizadas nos campos faz com que a protagonista volte sua atenção para si mesma e para a situação que lhe causa sofrimento. Com isso nos é exposto pelo narrador o amor que Norma sente por uma personagem não nomeada no conto. Em *La hora violeta*, tomamos conhecimento que Alfred é quem a protagonista rememora. Esta estabeleceu uma relação furtiva com ele, que era casado

enquanto se relacionava com Norma. “As últimas noites de amor” vividas pelo par amoroso indicam uma ruptura entre os amantes e essa lembrança está atada à escuta de um testemunho de guerra. Com isso, ainda que nos sejam apresentadas as consciências da personagem de Roig, teremos constantemente um aspecto externo como propulsor de uma realidade maior. É a partir dessa premissa que podemos considerar o estilo fragmentário da escrita de Montserrat Roig, constituído, segundo o estudo de Erich Auerbach sobre *mimesis*, pela “[...] multiplicidade de planos, multivocidade e necessidade de interpretação, pretensão à universalidade histórica, desenvolvimento da apresentação do devir histórico e aprofundamento do problemático” (AUERBACH, 1994, p. 20).

A autora constrói seu discurso de forma que ele é constituído pela presença constante de segundos planos que, relacionados entre si, indicam justamente o contexto no qual as personagens estão inseridas. A tensão narrativa existente no conto indica a memória da guerra que vitimou um grande número de pessoas, tal como o intelectual espanhol politicamente engajado e aqueles que lutaram contra os militares na guerra-civil espanhola. Norma e o republicano representam, respectivamente, essas duas identidades no conto. Suas visões particulares são alternadas entre a experiência do entrevistado e a memória do entrevistador. Elas resultam em dois discursos contrapostos na estrutura textual, representando a presença de segundos planos (a memória de cada uma das personagens). Estes justificam-se pela permanência das consciências/fatos narrados por Roig “na penumbra”, não somente pelo silenciamento ocasionado pela guerra, mas pela memória de suas vítimas que, pela repressão do regime ditatorial, muitas vezes segue apagada no/pelo discurso histórico oficial.

São as consequências da guerra que motivam o trabalho memorialístico que está ficcionalizado no conto pelas consciências das personagens. Ainda que a particularidade de Norma — aparentemente — não represente um determinado

contexto, só tomamos conhecimento dos seus pensamentos a partir da narração de sua testemunha, que se contrapõe à memória da protagonista. Esta é guiada constantemente pela “tensão” do contexto da guerra (experiência no campo de concentração) — a fala do republicano. Logo, a tragicidade interna de Norma, referente a um de seus relacionamentos, contrapõe-se ao trágico maior: as consequências da guerra. Relacionados os dois tempos (interior e exterior) e as distintas perspectivas que se entrelaçam em "*Madre, no entiendo a los salmões*" (vítima de guerra e intelectual), cabe-nos pensar em outro tempo da narrativa que atribui um possível sentido ao próprio título do conto.

Como referido anteriormente, Norma está conversando com seu filho. O assunto gira em torno de uma prática na qual os salmões voltam a um determinado ponto para morrerem. Segundo a personagem, o salmão retornaria do mar até o rio onde nasceu antes de morrer:

- Hijo, dicen que cada primavera los salmões salen del mar donde han vivido en invierno, remontan los ríos, topan contra las rocas, algunos se estrellan, otros sobreviven y a menudo van a morir al sitio donde han nacido.

[...]

- ¿Por qué los salmões van a morir donde han nacido? ¿Cómo pueden recordarlo?

- Es que tienen mucha memoria. Se van al mar porque es amplio. Y profundo. Pero luego el lecho del río los llama.

- No entiendo a los salmões. (ROIG, 1990, p. 87)

Este é o diálogo que dá início ao conto. Nele, temos como elemento propulsor, para o movimento de regresso dos salmões, a primavera, sucessora de um período de frio, além de suas próprias memórias. Novamente, podemos ressaltar a fragmentação no discurso de Roig ao contrapor a memória do republicano à lembrança de Norma. Vale destacar, ainda, que ambas as recordações estão interseccionadas pela sensação de frio sentida pela protagonista. Isso faz com que a história dos salmões que nos é

apresentada sirva de simbologia para um processo interno e externo ao da personagem principal do conto.

A memória possibilita o regresso dos salmões ao seu lugar de origem, bem como possibilita o trabalho intelectual de Norma, intercalado por sua lembrança particular. Logo, é possível afirmar que os salmões representam tanto o republicano que regressa à pátria espanhola (ao “rio que chama” — espaço perigoso, pois tanto pode acolher quanto matar), como a mulher que retorna, através da consciência, para as lembranças de seu caso amoroso e ao seu conseqüente estado de solidão. Além disso, a afirmação de Norma deixa em destaque o motivo pelo qual os salmões vão até o mar, que é amplo “e profundo”. Ou seja, a profundidade do mar simboliza a memória das personagens de Roig. No caso de Norma, sua recordação ocasiona a saudade sentida por Alfred, representando uma insatisfação da protagonista, já que ela não está próxima de quem ama. A saudade lhe é um sentimento profundo, tal como o é a memória do republicano. Este traz à tona sua experiência no campo de concentração, demonstrando também sua própria insatisfação. Assim, o intelectual ficcionalizado no conto articula sua experiência particular com a voz de quem foi vítima da guerra e que, conseqüentemente, penetra no contexto histórico.

Temos, ainda, que a presença do período — “E profundo.” —, na passagem anteriormente citada, articula-se às proposições que lhe são antecessoras e sucessoras. As profundezas do mar se relacionam tanto à memória quanto ao rio, lugar de origem dos peixes. Ocorre, assim, uma ambivalência ocasionada pelo movimento amplificador de uma expressão que relaciona as colocações que estão em torno de si. Tanto uma vítima de guerra pode retornar ao seu país de origem, quanto ao espaço que alberga sua tortura — o campo de concentração. Por sua vez, a personagem principal retorna ao seu estado solitário, pelo processo da lembrança, ou ainda ao seu tormento interior e particular — o amor por um homem casado. Todos esses movimentos são apresentados como produtos do processo da memória e é esta que

tem valor crucial para a escrita de Roig, pois nos mostra vidas devastadas tanto por situações particulares, quanto pelo contexto da guerra-civil.

- Y muchos de los salmones mueren antes de llegar a su destino. Embisten las cascadas, procuran saltarlas, pero muchas veces vuelven a caer y la corriente los arrastra hacia el mar. Pero persisten porque son muy obstinados. Tienen tanta fuerza que algunos llegan a dar saltos de cinco metros para pasar las cascadas. Nadan contra la corriente.

- ¿Qué quiere decir “nadan contra la corriente”? (ROIG, 1990, p. 88)

Para o caso de Norma e do republicano, “nadar contra a corrente” quer dizer, respectivamente, que a decisão entre estar só e ser o outro na vida de quem ama ainda existe, enquanto para a vítima de guerra, mesmo sobre o angustiante trabalho de recordação de um momento que lhe foi aterrador, mantém-se um esforço para recordar aquilo que a História oficial (sua própria nação) calou: a violência contra as vítimas do campo de concentração. “- Y las hembras nunca se equivocan, ni de sitio y ni de río” (ROIG, 1990, p. 91), o que confirma a ambivalência da protagonista que tem a solidão como estado de origem, mas que nas profundezas do mar (em sua própria solidão) alcança em seu âmago o autoconhecimento por meio de seu desejo, contraposto ao conhecimento do outro, através da experiência vivida no pós-guerra civil espanhola.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na Literatura Ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

BONET, Laureano. *El jardín quebrado*. La Escuela de Barcelona y la cultura del medio siglo. Barcelona: Península, 1994.

GRACIA, Jordi; RUIZ CARNICER, Miguel Ángel. *La España de Franco (1939-1975)*. Cultura y vida cotidiana. Madrid: Síntesis, 2004.

PINILLA DE LAS HERAS, Esteban. *En menos de la libertad*. Dimensiones políticas del grupo Laye en Barcelona y en España. Barcelona: Anthropos, 1989.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. pp. 46-60.

ROIG, Montserrat. *La hora violeta*. Trad. Enrique Sordo. Barcelona: Argos Vergara, 1980.

_____. *El canto de la juventud*. Trad. Joaquim Sempere. Barcelona: Península, 1990.